

Opinião

(H)à educação

Rosa Maria Faneca*
xxx@ua.pt



Como mobilizar a diversidade linguística e cultural dos meninos com histórias de migração nas escolas portuguesas?

Em Portugal, o fluxo migratório das últimas décadas introduziu nas escolas uma marcada dimensão multilinguística e multicultural, conduzindo à realização de vários estudos sobre as Línguas de Herança (LH) dos alunos com histórias migratórias. Importa referir que, de um total de 1.641.003 alunos inscritos nas escolas públicas (com idades compreendidas entre 5 e 18 anos), 49.743 apresentam histórias migratórias, de acordo com dados apurados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, 2016. Estes alunos são de primeira geração (nascidos em Portugal, dentro e fora da Europa) ou de segunda geração (nascidos em famílias estabele-

cidas em Portugal, mas cujos pais ou avós são de outros países). A maioria desses alunos vem de mais de 30 países e fala línguas variadas, tais como: o Português do Brasil, seguido de línguas crioulas de base portuguesa (de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe), alemão, espanhol, francês, guzerate, hindi, inglês, mandarim, moldavo, romeno, russo e ucraniano... As suas LH são uma oportunidade valiosa para a formação de cidadãos capazes de aceitar e valorizar a diversidade linguística e cultural.

Mas, afinal, o que é uma LH e quem são os falantes de herança presentes na sociedade e nas nossas escolas?

Uma LH é falada no seio da família, isto é, a língua de origem dos imigrantes, refugiados ou de diferentes etnias. É uma língua minoritária associada à presença de comunidades estrangeiras na sociedade dita de acolhimento, maioritária, cuja aquisição começa geralmente em ambiente familiar, combinando-se com a língua do país de acolhimento (língua portuguesa). Em geral, a LH é a primeira língua à qual a criança é exposta. Os falantes de LH são aqueles cuja "casa" ou língua é diferente do português e que têm uma exposição simultânea, mas desequilibrada nas duas línguas (LH e língua portuguesa).

Perante a complexidade e as tensões que se reconhecem nos campos sociais e educativos (com especial atualidade em torno de questões de convivência religiosa) cresce a consciencialização da necessidade de a debater em contexto alargado, de forma a evitar que as possibilidades que ela encerra (em especial, enquanto potenciadora da formação de cidadãos e de sociedades mais abertas, mais inclusivas, mais plurais) não redundem em mera sensibilização... Neste contexto, um grupo de investigadores do Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) tem vindo a trabalhar com alunos com experiências de várias culturas, de várias línguas, com pertenças múltiplas e transitórias e tem mostrado que esta diversidade traz desafios educativos a vários níveis.

Em Portugal, importa notar, nada está ainda previsto nos programas oficiais para promover a integração e o sucesso escolares dos alunos com histórias migratórias. Dito isto, parece partir-se do pressuposto de base que as LH não são capitalizáveis em sala de aula, como ainda podem atrapalhar a aquisição da língua portuguesa (independentemente de serem ou não línguas próximas ou mesmo variedades da mesma língua). Assim, as línguas destes alunos, mesmo quando tematizadas em sala de aula, e não obstante o valor afetivo e identitário que se lhes é reconhecido, não se constituem como projeto didático com valor per se, não sendo

por isso mobilizadas em sala de aula. LH e português coabitam nos mesmos espaços, mas mobilizar a diversidade linguística e cultural dos meninos para quê? Sabe-se que as línguas das famílias são fundamentais para as crianças: dão-lhes segurança e transmitem uma história familiar. É também graças às LH que a criança vai aprender a falar. Além disso, quanto mais uma criança conhece e pratica a(s) língua(s) da família, mais facilmente aprende depois o português.

Face a esta realidade, como incluir esta diversidade em sala de aula? Será que a escola portuguesa poderia valorizar o ensino-aprendizagem de LH como uma mais-valia para a nação, para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos e como investimento no futuro? Será que as LH trazem algumas implicações para a transmissão, manutenção, legitimação e convivência face ao português, relegando-as para uma posição de não-poder, de não-importância?

Estas são algumas questões que deixamos nesta reflexão. ◀

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

* Investigadora do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro

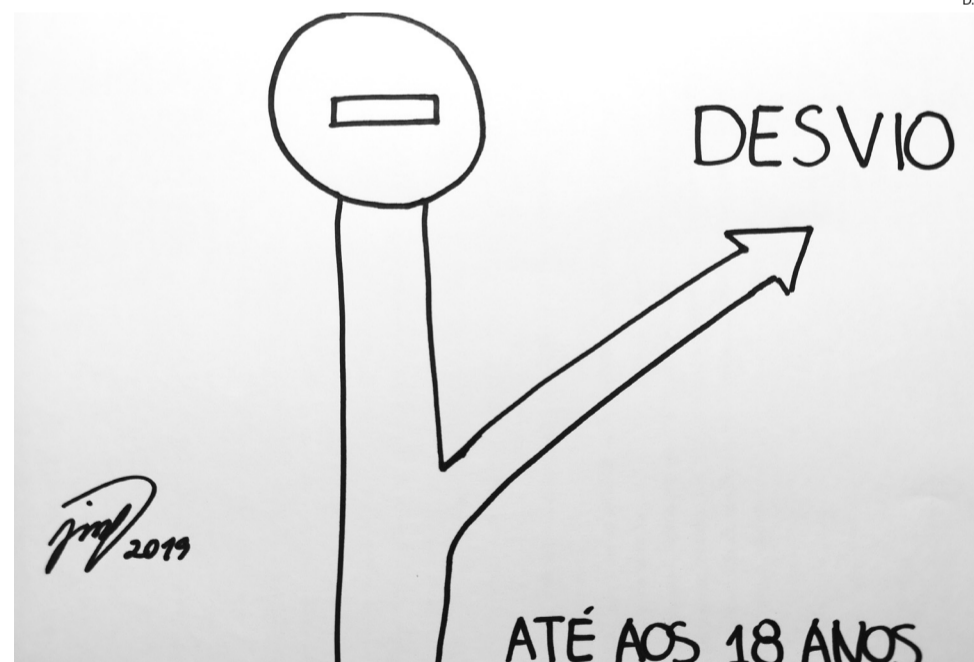
Está bem, eu faço-te um desenho

Jorge de Almeida Castro
Joana Ferreira de Castro



O rapaz estava chateado. A mãe não lhe estava a ligar nenhuma, e o rapaz ainda estava mais chateado. Por tudo e por nada o rapaz chateava-se. Ora porque não lhe davam o que ele queria; ora porque lhe davam o que ele não queria.

Era o rapaz mais novo de uma mãe sozinha. A mais velha estava já na universidade. E este, cedo mostrou pouca vontade para os estudos. Logo na primária preferia ir ver os peixes a espraíarem-se no rio do que ir para as aulas. Saía de casa em cima da hora e desviava-se logo da escola que ficava a pouco mais de 500 metros. A professora até que era bem compreensiva. Gostava do rapaz. Chamava a mãe muitas vezes e pintava as coisas com cores airosas. Queria bem ao rapaz. Dizia muitas vezes que era o miúdo que nunca tinha tido. Tinha um casal que gémeos que nos tempos de escola fora todo certinho, tinham sido alunos excelentes, e que agora só lhe davam problemas – dizia. Mas a mãe não achava piada nenhuma àquele aconchego. Meteu o miúdo em explicações e outras ajudas fora da escola. Ele tinha de ser como os outros, aprender bem e fazer a escola primária com bons resultados. Lá conseguiu ir para o ciclo seguinte, mas a escola continuava a ser um tormento. Um tormento para o rapaz e para a mãe. Todos diziam



que era um miúdo muito inteligente. E era. Mas a verdade é que os resultados escolares eram uma miséria. Por ele, nunca punha os pés na escola. Quando lá estava, queria fugir. Ou então fazia tudo para que o expulsassem. Mais uma vez a mãe fazia de tudo para que o rapaz não ficasse para trás. Explicações a todas as disciplinas, consultas e mais consultas de psicologia, consultas de desenvolvimento, consultas de todas as especialidades e mais algumas. Até a um bruxo foi. Garanto-vos que é verdade.

A mãe estava sempre a ser chamada à escola. Ora ao diretor de turma, ora à psicóloga, ora à diretora. Todas as semanas havia novidades para

contar. “- O rapaz tem o diabo no corpo!” – disse um dia a diretora à mãe. “- Eu já o levei à bruxa, senhora diretora. Mais do que uma vez. Eu já corri tudo!” – bradava em desespero a mãe do rapaz.

E começaram os chumbos. Um ano e outro ano. E mais outro ano. Os professores já tinham desistido. Não estavam para aturar aquilo. Dezasseis anos e ainda a frequentar o sétimo ano de escolaridade. E era por favor. Em boa verdade, e se tudo fosse bem feito, como mandam as regras, aquele rapaz tinha o quarto ano de escolaridade, talvez. “- Se fosse no meu tempo, nem a quarta classe tinha tirado. Ele nem ler e escrever sabe como deve ser.” – dizia a professora de

português. “- Mas agora a escola é assim. Temos de os ter até aos 18 anos na escola, quer eles queiram ou não, quer os professores queiram ou não. Temos de aguentar esta vergonha!” – desabafou a mesma professora. Um certo dia, a diretora da escola teve uma conversa muito a sério com a mãe. Asós. E disse-lhe: “- Senhora doutora, estamos aqui só as duas. Sejamos honestas uma para a outra. O seu filho não tem qualquer hipótese nos estudos. Ele não quer e ele não consegue. Quanto mais tempo continuamos a insistir, pior. O melhor para ele era ir para um curso diferente, uma escola diferente. Há agora umas formações para jovens como o seu filho”. Aquela mãe mudou de cor. Levantou-se bruscamente e, fora de si, respondeu a gritar: “- A senhora tem ideia do que me acaba de dizer? Está a chamar incapaz ao meu filho? Ele é algum deficiente por acaso? Quem é a senhora para me dizer o que devo fazer? A senhora não passa de uma miserável professora armada em diretora! Eu vou processá-la! Eu vou denunciá-la!”. E, dito isto, saiu porta fora.

Voltemos ao rapaz agora chateado. Naquele sítio, e à volta dele, a calma e os sorrisos de um ambiente descontraído. Uma música ambiente temperava as conversas cochichadas. A mãe conversava alegremente com colegas e amigos. Falavam sobre o último congresso nas ilhas Fiji. Falavam sobre as férias grandes e sobre as escapadinhas das últimas pontes. E contavam as novidades no iate do amigo José, do carro novo da Fernanda, da casa na falésia do André. Trocavam-se olhares numa certa inveja solidária.

“- Vês, filho, porque é que tens de andar na escola onde andas? Noutra escola nunca serás doutor.” – explicou aquela mãe a certa altura ao rapaz. Joana, fazes um desenho? ◀

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico